

NEM ORIENTE NEM OCIDENTE: AS DIFICULDADES DA TURQUIA COMO “ESTADO INDECISO”

Por M. K. Bhadrakumar*



O presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan (Adem Altan/AFP via Getty Images).

A Turquia está em um ponto de equilíbrio arriscado, tentando conciliar expectativas e pressões de players influentes como EUA e Rússia, com implicações cruciais para sua política externa e economia.

O site do Ministério das Relações Exteriores da Rússia apresentou dois comunicados à imprensa na semana passada sobre as conversas do ministro das Relações Exteriores, Sergey Lavrov, com seus colegas turco e iraniano, Hakan Fidan e Hossein Amir-Abdollahian, respectivamente. As conversas ocorreram por iniciativa dos lados turco e iraniano.

A conversa de Lavrov com Fidan foi de negócios e formal, enquanto com Amir-Abdollahian, o principal diplomata da Rússia teve uma conversa descontraída a visivelmente relaxada – “baseada na confiança” e sinalizando “interesse mútuo em coordenar de perto as abordagens” da política mundial ([aqui](#) e [aqui](#)).

A alquimia da relação russo-turca mudou nitidamente, enquanto a parceria estratégica com o Irã se consolidou e é visível um alto nível de maturidade e previsibilidade.

PREOCUPAÇÕES RUSSAS E DIPLOMACIA TURCA

Um fator recente que corrompeu o relacionamento russo-turco foi a decisão unilateral do Kremlin de deixar a Iniciativa de Grãos do Mar Negro expirar em 17 de julho. Ancara tentou evitar o momento nos bastidores, mas a decisão russa não foi centrada na Turquia. Aí reside a esperança – e o desespero.

Desde então, a Rússia deixou implícito que um [novo acordo de grãos com a Turquia](#) pode ser possível se as demandas de Moscou forem atendidas, anunciando obras em novas rotas de exportação. O presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, retribuiu, pedindo aos países ocidentais que “[dessem seguimento às expectativas de Putin](#)”.

No entanto, a crise de confiança nas relações russo-turcas tem uma dimensão geopolítica e diz respeito à guerra na Ucrânia. Colocado de forma sucinta, a política externa turca tem mostrado ultimamente um “ocidentalismo” matizado que afeta os interesses vitais da Rússia.

De fato, não há explicação plausível para a visita repentina do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky a Istambul em 8 de julho, a [libertação repentina de notórios comandantes do Azov](#) que estavam sob custódia turca por um acordo com a Rússia sobre a troca de prisioneiros ou o plano de um empreendimento de coprodução na Ucrânia dos drones Bayraktar da Turquia.

Uma maneira de ver uma reviravolta turca tão acentuada pode ser que os grupos de interesse na indústria de defesa da Turquia estão sendo manipulados por Zelensky. O [apoio aberto de Erdogan à adesão da Ucrânia à OTAN](#) é um simbolismo flagrante.

O quadro geral é que Zelensky, com o incentivo dos EUA, está procurando oportunidades para corroer a confiança mútua e a confiança que se acumulou no relacionamento turco-russo nos últimos anos, graças à diplomacia prática entre Erdogan e o presidente russo, Vladimir Putin.

De qualquer forma, na véspera da Cúpula da OTAN em Vilnius (11-12 de julho), onde Erdogan deveria se encontrar com o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden (e Zelensky), Lavrov deu a conhecer as preocupações de Moscou ao ministro das Relações Exteriores Hakan em uma conversa telefônica iniciada por este último.

DIMENSÕES GEOPOLÍTICAS DA CRISE NA UCRÂNIA

A leitura russa disse:

“Os lados trocaram opiniões sobre a agenda regional e priorizaram os últimos desenvolvimentos na Ucrânia, incluindo a situação relativa ao retorno dos ‘líderes’ do batalhão Azov de Istambul para Kiev. O lado russo chamou a atenção de Ancara para o fato de que as entregas contínuas de equipamentos militares ao regime de Kiev representavam um curso destrutivo. Observou-se que as etapas subsequentes só poderiam trazer consequências negativas.”

Quando questionado sobre esses movimentos turcos, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, reagiu: “certamente, como um estado moderno, a Turquia tem o direito absoluto de desenvolver relações com qualquer país, incluindo a Ucrânia. Mas, sendo parceiros da Turquia, esperamos que esse relacionamento não seja direcionado contra nós”.

Peskov descreveu as relações entre a Rússia e Turquia como “bastante próximas, desenvolvidas, multifacetadas e mutuamente benéficas”. No entanto, “há certas áreas em que temos diferenças”, acrescentou. Mas Peskov também disse que a implementação do projeto conjunto de *hub* de gás da Rússia e da Turquia não será afetada, uma vez que os interesses de “um número muito grande de países da região e até de países europeus” estão envolvidos.

Sem dúvida, algumas questões pairam no ar, especialmente sobre o quanto o Ocidente está tentando consertar as relações diplomáticas com Erdogan. No final das contas, a lista de desejos de Erdogan continua cumprida – a aprovação de Washington para a venda de novos caças F-16 e *kits* de modernização; o apoio da União Europeia (UE) para a retomada das negociações de adesão da Turquia; um convite de Biden a Erdogan para visitar Washington: Erdogan está no poder há mais de 20 anos e Biden é o único presidente dos Estados Unidos que se recusou a encontrá-lo oficialmente, seja em Washington ou em Ancara.

Essas são questões complicadas. O acordo do F-16 pode enfrentar ventos contrários no Congresso dos EUA, onde a Turquia é um assunto tóxico por vários motivos. Biden também deve ter em mente o sólido apoio do *lobby* grego em ano eleitoral, que tem sido um trunfo em sua vida política o tempo todo.

Quanto à UE, fundamentalmente, é um clube cristão que nunca admitirá um país muçulmano com uma população de 85 milhões que perturbe seu ecossistema.

DIFICULDADES DE UM “ESTADO INDECISO”

Portanto, a grande questão é sobre o próprio cálculo da Turquia como um “estado indeciso” geopolítico. O primeiro indício de Erdogan mudando para uma política econômica ortodoxa orientada para o Ocidente e a diplomacia forte necessária para apoiá-la veio em seu anúncio de um [novo gabinete](#) em 3 de junho, após uma luxuosa cerimônia de posse em Ancara, marcando o início de sua terceira década no cargo.

A escolha de Erdogan de dois veteranos de Wall Street como ministro das finanças e governador do banco central – Mehmet Simsek e Hafize Gaye Erkan – deu sinais de uma possível nova direção para seu governo, exigindo uma reaproximação com o Ocidente.

Mais uma vez, sua escolha de Hakan Fidan, chefe de longa data da agência de espionagem da Organização Nacional de Inteligência da Turquia (MIT, *Millî İstihbarat Teşkilatı*) como ministro das Relações Exteriores para substituir o diplomata Mevlut Cavusoglu, sugeriu uma futura mudança potencial no estilo de relações exteriores da Turquia. Sob Fidan, o MIT manteve negociações secretas de paz com o grupo armado separatista do Partido dos Trabalhadores do Curdistão

(PKK) em Oslo, e também foi fundamental nas negociações de normalização com Israel e a Síria.

Especialistas turcos chamam isso de “diplomacia inteligente” – uma política externa definida para avançar para um nível mais independente sem cortar as relações da Turquia com o Ocidente, o que é dinâmico, mas não seria uma mudança radical na postura internacional da Turquia, e aprofundaria ainda mais para fortalecer conquistas existentes e negociar de forma a não esgotar a economia turca.

Quintessencialmente, isso implica que a Turquia mantenha uma atitude de neutralidade, tanto quanto possível, na situação internacional altamente polarizada e nas graves incertezas em sua própria vizinhança.

A RELAÇÃO ERDOGAN-PUTIN

Como disse o proeminente especialista turco Mehmet Ozkan, professor de relações internacionais no Joint War Institute da Universidade de Defesa Nacional da Turquia em Istambul:

“A Turquia é um terceiro caminho. Ao construir suas relações com o Ocidente e o Oriente, a política de Ancara é garantir sua autonomia estratégica e capacidade de se mover de forma independente, a fim de evitar ficar presa entre os dois blocos.”

Mas Erdogan também insiste que Putin deve visitá-lo na Turquia em agosto. E o Kremlin permanece aberto ao padrão de contato intenso entre Moscou e Ancara que Erdogan e Putin estabeleceram nos últimos anos.

Da mesma forma, a Rússia transmitiu à Turquia que o acordo de grãos com o qual Erdogan estava apaixonadamente comprometido ainda é viável se o Ocidente apenas cumprir suas promessas de permitir as exportações russas de trigo e fertilizantes para o mercado mundial.

No entanto, a mentalidade ocidental de soma zero espera que Erdogan abandone seus laços amigáveis com Putin e reverta o relacionamento russo-turco, e também se certifique de que Ancara não ajudará Moscou nas condições sob sanções ocidentais. Claramente, os EUA não tolerarão a Turquia, um país membro da OTAN, gravitando em torno da Organização de Cooperação de Xangai (SCO) ou BRICS, ou buscando integração com a Eurásia de qualquer forma.

ONDE COLIDEM OS INTERESSES DOS EUA E DA TURQUIA

Washington basicamente espera que Ancara desmantele toda a arquitetura de política externa que Erdogan construiu ao longo das últimas duas décadas no poder, particularmente após a fracassada tentativa de golpe apoiada pelos EUA de derrubar seu governo em 2016.

A ofensiva diplomática de Zelensky – novamente em conjunto com os EUA e a OTAN – visa trazer Erdogan a bordo de um projeto para estabelecer uma [nova rota marítima](#) para exportação de grãos através da região noroeste do Mar Negro,

excluindo a Rússia e, em vez disso, passar pelas águas territoriais da Romênia, também membro da OTAN, onde a 101ª Divisão Aerotransportada do Exército dos EUA está implantada.

Muito possivelmente, isso poderia ser um prelúdio para a inserção de “botas no solo” dos EUA/OTAN na Ucrânia eventualmente. A questão é que os EUA e seus aliados percebem que os militares ucranianos derrotados não podem derrotar a Rússia, e um plano B é necessário para restringir as forças russas taticamente a leste do rio Dnieper até que um eixo militar polonês-lituano-ucraniano, atualmente sendo preparado, possa ser inserido no oeste da Ucrânia no outono.

Enquanto isso, os EUA esperam impedir qualquer ofensiva russa contra a extremamente estratégica cidade portuária de Odessa. No entanto, qualquer tentativa ocidental de minar o domínio regional tradicional da Rússia no Mar Negro é inviável sem a cooperação da Turquia. Notavelmente, o parágrafo sobre a agenda estratégica da OTAN para o Mar Negro assinalou especificamente a [Convenção de Montreux de 1936](#), que é o elemento essencial no contexto da segurança e estabilidade do Mar Negro. Biden pode retribuir permitindo que o FMI forneça um resgate à economia turca, que está em apuros.

A viagem de Erdogan [aos estados do Golfo](#) na semana passada teve como objetivo criar espaço para a Turquia negociar, garantindo mais investimentos de estados ricos da Ásia Ocidental. Segundo a agência oficial de notícias WAM, os acordos assinados durante a visita de Erdogan aos Emirados Árabes Unidos foram “estimados em US\$ 50,7 bilhões”.

O paradoxo é que os estrategistas dos EUA que começaram a aplicar a cunhagem “swing state” (“estado indeciso”) à geopolítica no final dos anos 1990, quando o “momento unipolar” estava desaparecendo, atribuíram à Turquia as características clássicas de uma nação cujas afiliações na geopolítica determinariam o resultado de rivalidade entre as grandes potências nas próximas décadas. Assim começou a agonia e o êxtase da política externa da Turquia.

As dificuldades de hoje confirmam que essa trajetória não é fácil. Pender para um lado arrisca a vingança punitiva do outro lado. E no final de tudo, a Turquia pode estar melhor não pendendo, mas seguindo um caminho reto. Erdogan precisa saber com certeza se ele se sentiria seguro em dar um passeio no escuro com Biden. Caso contrário, sua escolha é clara – evite a todo custo.

Publicado no [The Cradle](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
